

Função e campo do corpo do analista: o *Nebenmensch* como amparo às travessias

João Felipe Domiciano

Resumo

O artigo visa a situar criticamente uma modalidade de presentificação do corpo do analista como função de amparo diante de situações-limite de inscrição de narrativas no laço social. A tais momentos de precariedade discursiva, articulamos presença corporal com a noção freudiana de *Nebenmensch*, *aquele ao lado*. Após o um balanço da noção nas obras de Freud e Lacan, propomos que a leitura da qualidade dessa presença *estável e estranha*, entre o *amparo* e *das Ding*, contribui para a localização do papel do corpo do analista em momentos-chave de travessias de uma análise, assim como suporte às experiências que beiram o abismo do traumático.

Palavras-chave:

Corpo; Corpo do analista; Amparo; Presença.

The function and field of analyst's body: the *Nebenmensch* as support for crossings

Abstract

The article aims to critically situate a modality of presentification of the analyst's body as a support function in the face of limit situations of narrative inscription in the social bond. To such moments of discursive precariousness, we articulate bodily presence with the Freudian notion of *Nebenmensch*, *the one beside*. After a balance of the notion in the works of Freud and Lacan, we propose that the reading of the quality of this *stable* and *strange* presence, between the *protection* and *das Ding*, contributes to the localization of the analyst's body role in key moments of crossings of an analysis, as well as support to the that border the traumatic abyss.

Keywords:

Body; Analyst's body; Support; Presence.

Función y campo del cuerpo del analista: el *Nebenmensch* como soporte para las travesías

Resumen

El artículo pretende situar críticamente una modalidad de presentificación del cuerpo del analista como función de apoyo ante situaciones límite de inscripción narrativa en el vínculo social. En esos momentos de precariedad discursiva, articulamos la presencia corporal con la noción freudiana de *Nebenmensch*, *el vecino*. Tras un balance de la noción en las obras de Freud y Lacan, proponemos que la lectura de la calidad de esta presencia *estable y extraña*, entre la *protección* y el *Ding*, contribuye a la ubicación del rol del cuerpo del analista en momentos clave de los cruces. de un análisis, así como apoyo a las vivencias que bordean el abismo traumático.

Palabras clave:

Cuerpo; Cuerpo del analista; Apoyo; Presencia.

Fonction et champ du corps de l'analyste : le *Nebenmensch* comme support aux traversées

Résumé

L'article vise à situer de manière critique une modalité de présentation du corps de l'analyste comme fonction de support face à des situations limites d'inscription narrative dans le lien social. Dans de tels moments de précarité discursive, nous articulons la présence corporelle avec la notion freudienne de *Nebenmensch*, *celle d'à côté*. Après un équilibre de la notion dans les travaux de Freud et Lacan, nous proposons que la lecture de la qualité de cette présence *stable et étrange*, entre la *protection* et *das Ding*, contribue à la localisation du rôle corporel de l'analyste dans les moments clés des croisements d'une analyse, ainsi que le soutien aux expériences qui bordent l'abîme traumatique.

Mots-clés :

Corps ; Le corps de l'analyste ; Support ; Présence.

Em um diagnóstico do cenário francês das últimas décadas, Danon-Boileau (2013) aponta para um curioso curto-circuito no meio lacaniano: a despeito da ausência de uma regra normativa, as representações do papel do analista foram sendo cada vez mais “desencarnadas”, reduzindo debates clínicos aos parâmetros diferenciais e abstratos do sistema da linguagem. Pensar a experiência psicanalítica fora de um eixo estruturante das posições significantes seria perder de vista a grande contribuição do pensamento lacaniano à formalização prática, com vistas à extração dos elementos fundantes e organizadores do nosso campo. Todavia, a crítica aqui está nos efeitos de tal redução narrativa à própria transmissão da experiência clínica. Um dos sintomas de tal constrição seria a emergência do “ideal fantasmático de um analista ‘normal’, objetivo, frio, rígido, distante, silencioso” (Guyomard, 2011, p. 53), um analista que de alguma forma respondesse imaginariamente às figuras do negativo a partir das quais se efetivaria sua presença “ausente”, presença como imagem apagada a sustentar uma posição significativa ao qual um saber suposto poderia emergir. Tal ideal, ainda que encontre algum lastro em um recorte dos recursos teóricos da obra lacaniana, deixa de lado a questão de qual o lugar do corpo desse analista na cena analítica. Qual o preço de um analista tirar seu corpo fora?

Em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, Lacan (1958/1998, p. 595) propõe que um analista seria tão mais livre no conjunto de suas intervenções, de suas táticas, que em relação à sua política, passagem que sintetiza uma atitude de franca recusa à regulamentação instrumentalizante da experiência psicanalítica. A liberdade preconizada à ação do analista está condicionada, portanto, a uma ética que funda e determina o valor dessa ação, tornando nosso fazer avesso à mera prescrição de condutas. Entretanto, isso não significa que a doxa lacaniana tenha necessariamente se edificado a partir de um discurso sobre a prática absolutamente isento e assepsiado de ideais reificantes da cena analítica (Guyomard, 2011). Reconhecer tal fato nos coloca diante dos ecos normativos a que nossa prática está sujeita, permitindo, assim, lançar alguma luz a elementos por vezes secundarizados — até mesmo inauditos.

O objetivo deste artigo é dar um solo conceitual a uma modalidade de presentificação do corpo do analista que consideramos marginal na obra lacaniana: falamos aqui das articulações de uma forma de presença corporal com a noção freudiana do *próximo* ou daquele que *está ao lado*, o *Nebenmensch*. A aposta é que tal recorte possibilite apreender uma das funções da presença do corpo daquele que escuta, especialmente em momentos de precariedade de inscrição socio-simbólica de dada narrativa nos parâmetros de referência do laço social. Nessa via, entendemos não somente de narrativas de sofrimento que fazem fronteira às experiências traumáticas, em que “faltam palavras” para dar borda à intensidade de

afetos em jogo, assim como momentos no curso de uma análise nos quais um giro discursivo vem acompanhado de experiências de indeterminação significativas.

Apropriações e desapropriações do tema do corpo do analista

Ainda que tenhamos um vasto campo de debates e investigações acerca do tema do *corpo* em psicanálise, trabalhos esses que remontam à subversão inaugural da clínica psicanalítica, quando estendemos ao sintagma “corpo do psicanalista” já não encontramos o mesmo volume de tinta dispendido. Que (1) possamos considerar esse corpo nas fronteiras do enlace transferencial, como corpo político, portanto trazendo consigo marcas sociopolíticas que modulam a cena analítica a partir dos atravessamentos pelos discursos sociais; que (2) possamos descrever esse corpo a partir dos efeitos em seus modos de presentificação e de retirada na cena analítica; ou ainda que (3) possamos ler esse corpo torcido e distorcido pelos fenômenos inerentes aos deslocamentos transferenciais. Temos nessas esferas de apropriação a delimitação das articulações e interseções inerentes a uma revisão crítica do tema, e, conseqüentemente, de suas potencialidades (Domiciano, 2021). É de um recorte desse corpo *em presença* que trataremos aqui.

Freud é enfático ao afirmar que a transferência seria o meio pelo qual se poderia dar consistência, realizar os elementos da neurose no curso de uma cura, posto que é “impossível liquidar alguém *in absentia* ou *in effigie*” (Freud, 1912/2010, p. 146). Entretanto, quando falamos de um possível entendimento do lugar do corpo do clínico na cena analítica, podem-se conceber, de partida, duas grandes correntes: de um lado, a via inaugurada por Freud, que atenta para o corpo do praticante como eliciador de uma dinâmica excitatória, ligada ao campo de um regime de influência, mesmo de sedução, a ser contido, ou ao menos operacionalizado pela transferência com vistas à direção da cura. Essa via, acompanhada por Lacan, remete aos momentos originários da *talking cure* — como evidenciado pela solicitação de Emmy Von N. a Freud: “Fique quieto! Não diga nada! E *não me toque!*” —, mas responde também à observação de um conjunto de contraexemplos que atestam o fato de que a circulação de afetos presentes na experiência psicanalítica teria na química transferencial um meio propício a explosões de diversas magnitudes. Eis onde os casos “Breuer” e “Jung” entrariam como narrativas organizadoras de que limites deveriam ser interpostos a tais corpos (Villa, 2013). O paradigma do analista frio, distante, opaco surge, assim, como um dos Conselhos [*Ratschlag*] técnicos mais enfáticos de Freud no princípio dos anos 1910 e que será posteriormente prescrito nas institucionalizações às quais a prática foi submetida a partir dos anos 1920 (Mijolla, 2002).

Por outro lado, encontra-se a via iniciada por Ferenczi, que toma o corpo do analista a partir de uma posição de acolhimento e de amparo essencial. Esse cor-

po é lido em suas potencialidades de contenção de aspectos não simbolizados, de modo a tornar suportável “insuficiências do narcisismo do paciente ou sua impossibilidade de viver em falta de um objeto” (Chabert, 2013, p. 99). Nessa acepção, a ênfase na presença sensível e efetiva enquanto norteadora, presença do corpo visível do analista como um possível abrigo materno acolhedor, teria como correlato o entendimento da “retirada” deste — que vai desde a recusa à imagem promovida pela passagem ao divã até o silêncio como retirada da voz —, denotada a partir da retórica do “abandono”.

Essas vias representam tradições que organizam modalidades de apreensão da função e do campo corpo do analista no escopo de sua prática. Poderíamos ainda dizer que retraduzem o lugar do corpo do clínico a partir das noções de um corpo *inconveniente* — a ser “apagado” (Lacan, 1955-1956/2010, p. 404), excluído ao máximo possível da cena em questão — e um corpo *continente* —, que acolheria elementos ainda não simbolizados do paciente, corpo cujos parâmetros seriam condição *sine qua non* a uma reorganização psíquica.

Lacan, ao definir a psicanálise como a “ciência das eróticas do corpo” no justo momento em que sustenta a importância da *neutralização dos corpos* na situação analítica — como meio de manter a “extrema decência” com fins de evitar a propensão de que um corpo se lance sobre o outro (Lacan, 1960-1961/2007, p. 78) —, reafirma, assim, a importância da *impassibilidade* desse corpo presente como forma de marcar a função da neutralidade/indiferença [*Indifferenz*] necessária para que a livre associação siga tendo espaço. A tônica na consideração do analista na obra lacaniana é a de que este responderia por uma *posição* a partir da qual se poderiam articular os cálculos de suas estratégias e intervenções, *posição* que tornaria a imagem do analista secundária, até mesmo passível de um apagamento. Entretanto, essa dimensão não exclui nuances próprias aos movimentos de reformulação da noção de objeto, dado que o objeto *a*, cujo semblante opera no discurso do psicanalista, poderia ser reconsiderado nos modos de presentificação sensível desse corpo em análise, como corpo não-todo (Lacan, 1970-1971/2011), corpo quimérico ou mesmo corpo informe (Domiciano, 2021).

E é nesse contexto que a questão do corpo do analista como presença de um *outro próximo* pode ser ressituada.

O *Nebenmensch* como categoria clínica de Freud a Lacan

Diante da questão das especificidades do “tratamento possível das psicoses”, Lemler (2008, p. 5) afirma que o lugar central da presença imediata da imagem do clínico “viria dar uma particular *consistência à transferência*”. A imagem do corpo do outro, nesse contexto, teria como função essencialmente localizar e dar contornos a esse Outro, ali onde ele se mostra, no caso das paranoias, potencial-

mente excessivo, invasor e ameaçador, assim como, do lado das esquizofrenias, dar suporte, continência no ponto em que o Outro não se apresenta, não é colocado como uma possível encarnação *particular*. É, portanto, também nos impasses da dialética entre imaginário e simbólico como colocadas fora do campo da neurose que o tema da presença do *outro próximo* se coloca.¹

Postulada por Freud (1895/1989) em uma breve menção no “Projeto de psicologia científica”, o misterioso papel do *Nebenmensch* seria central quando se busca denotar a presença do analista nos termos de uma presença ativa, ainda que por vezes silenciosa e enigmática.

A análise freudiana parte da prematuridade específica como “condição humana fundamental” que faz com que nasçamos dependentes de outro ser humano por meses, mesmo anos, até poder ter alguma autonomia para a sobrevivência. A necessidade de um apoio constitutivo faz entrar em cena um *Nebenmensch* — *aquele que está ao lado*, o *próximo*, ou, literalmente, o humano [*Mensch*] ao lado [*Neben*]. Em outros termos, Freud apresenta como o ser humano nasce na condição de “*hilflos*”, desassistido, sem amparo — termo do qual deriva a substantivo *Hilflosigkeit*, desamparo —, que teria em um ser humano ao lado “*hilfreich*”, rico em recursos de auxílio, acesso às condições para lidar com esse primeiro momento.

Na configuração dessa situação antropológica fundamental, Freud acentua que participação *do outro humano* representa uma modalidade genérica de presença [*Mensch*], logo, “não estritamente qualificada em termos de sexo ou parentesco” (Clobence, 2013, p. 25). A ênfase está na necessidade que esse ser *hilflos* tem da presença de um outro, cuja atenção às demandas ainda informadas torna menos penosa a experiência do desamparo constitutivo. Entretanto, além de representar uma “única força auxiliar”, o *Nebenmensch* ocuparia também a posição de um “primeiro objeto hostil”. Cisão a partir da qual o ser humano aprende a discernir. Tal diferenciação passa, na cena freudiana, por uma “exploração do mundo que primeiro encontra um objeto real”, cujo processo de reconhecimento desse outro próximo passa por uma identificação, a si e em si, de traços motores. Então, prossegue Freud:

Os complexos perceptivos emanados desse ser semelhante serão, então, em parte novos e incomparáveis — como, por exemplo, seus *traços*, na esfera visual; mas outras percepções visuais — as do movimento das mãos, por exemplo — coincidirão no sujeito com a lembrança de impressões visuais muito semelhantes, emanadas de seu próprio corpo [*eigenen Körper*], [lembranças] que estão associadas a lembranças de movimentos experimentados por ele mesmo. (Freud, 1895/1989, p. 356)

1 Conforme proposto por Marie-Christine Laznik na conferência *Le monde de l'autisme: une autre façon de "résonne"*, ocorrida em 6 de dezembro de 2019 na ALI-Paris.

Inseparável de uma teoria do corpo presente em Freud, a proposta é que nessa situação ontogênica primordial teríamos os princípios das relações objetais, na qual, além de reconhecer os traços desse outro próximo, o sujeito lidaria com o que no objeto é estruturalmente não reconhecível, elemento nomeado como *das Ding*, a Coisa. Portanto, nesse complexo teríamos a presença de uma dialética constante entre a humanidade do *Mensch*, do próximo, e a estrangeiridade, *Fremde*, do outro, que lhe daria esse auxílio alóctone. O *Nebenmensch*, por essa via, não seria nem o outro imediato, nem o completo estranho, mas essa figura de *fronteira* na qual um sujeito, no limite de uma situação de desamparo, encontra um suporte que lhe dá esteio para sua (re)inscrição no laço discursivo. Eis um ponto no qual tal complexo nos aproxima da questão da presença do analista.

Freud, ao insistir que ao lado do *Neben* esteja a “ajuda estrangeira”, como aspecto específico da alteridade aqui em jogo, abre a dimensão ao entendimento de uma ética singular na cura, que, nos termos de Cabrol, seria a de recriar uma “radicalidade do estrangeiro no lugar e na posição do familiar dos *infans*, ‘desde que uma pessoa estrangeira’ intervenha como *Nebenmensch* analista” (Cabrol, 2015, p. 425).

A leitura aqui proposta toma a presença do analista, no nível em que esta toca a dimensão do *outro próximo*, como condição de sustentação de uma estrangeiridade irreduzível à presença daquele que está à escuta. As recomendações próprias à atenção flutuante e mesmo à função do silêncio como um avatar do princípio da *Indifferenz* convergiriam para instaurar na cena analítica tal ambiente regido por uma presença que ressoaria enigmática ao longo do processo. Cabrol ainda questiona um possível paradoxo aqui: “como criar o íntimo com tal indiferença, estrangeiridade, nem pai nem mãe, nem eu nem mestre, confiando ter algo a compreender em si neste outro?” (Cabrol, 2015). Poderíamos estender a questão e colocar se não seria através da possibilidade de fazer presente esse traço irreduzível e inapreensível do Outro, que um laço tem espaço para aí se (re)constituir.

No seminário sobre a *Ética da psicanálise*, Lacan propõe um deslocamento do argumento freudiano: se, para Freud, o *Nebenmensch* opera como mediador de um juízo de reconhecimento — através da “atenção” dessa pessoa “experiente” que propiciaria ao infante um conjunto de traços similares à sua rememoração psicomotora —, sem deixar de interpor essa fronteira irreduzível de *das Ding* como aspecto radicalmente desconhecido do estrangeiro, Lacan buscará enfatizar o lugar do *Nebenmensch* como possibilidade de tal contato dar forma aos pensamentos do sujeito. Em suas palavras:

É pelo fato dessa satisfação, de a experiência de satisfação do sujeito estar inteiramente *suspensa* no outro, é através deste *Nebenmensch* como sujeito falante, que na subjetividade do sujeito tudo que se relaciona com o processo de pensamento pode tomar forma. (Lacan, 1959-1960/2006, p. 53)

Tomar o *Nebenmensch* como sujeito falante, nesse momento, tem como função tomá-lo como a possível representação do limite da imaginação e simbolização desse outro. Ao enfatizar sua articulação com a noção de *das Ding*, Lacan argumentará como é primordialmente na natureza estranha [*Fremde*] que a experiência do *Nebenmensch* se constitui. E é como organizador de seus parâmetros que a Coisa se coloca no princípio dessa experiência.

A Coisa, portanto, viria marcar o “Outro absoluto do sujeito”, esse objeto inapreensível, “inerente ao Real”, posto que “fora-do-significado”, ou melhor, do significável. Se Lacan toma o *Neben* como um sujeito falante é para mostrar que dessa inserção na linguagem há algo que resta estruturalmente fora dela, além da simbolização, sendo “impossível para nós imaginá-la”.

A noção desse *Ding*, desse *Ding* como *Fremde*, como estrangeiro, e até hostil, às vezes, pelo menos como o primeiro exterior, é nisso que se orienta todo o caminho em torno do qual, sem dúvida, para o sujeito, é sempre um processo de controle, um processo de referência, em relação a quê? O mundo dos seus desejos! (Lacan, 1959-1960/2006, p. 69)

À diferença de Freud, Lacan enfatiza que a presença desse “primeiro exterior” não depende necessariamente do “grito”. A experiência da Coisa se articula à palavra não como fala [*parole*], mas como palavra [*mot*] que não demanda resposta, portanto se remetendo às coisas como mudas. A perspectiva lacaniana, portanto, decerto marca a radicalidade da estranheza de uma face do outro não assimilável e do qual a linguagem tentará recobrir. Ainda que pareça se distanciar da ênfase freudiana nesse próximo como amparando um sujeito em uma situação extrema, é importante marcar que essa dupla inscrição do lugar do *Nebenmensch* nos auxilia a determinar o lugar dessa dinâmica no interior da própria análise.

A qualidade da presença daquele que *está ao lado*, portanto, não se constitui simplesmente como reflexo que remeteria ao sujeito sua própria imagem, intrínseca à dimensão do outro imediato tal qual delimitado pela lógica inerente ao imaginário; nem somente como uma presença a marcar o desejo do analista, como um aspecto fálico de posicionamento simbólico em uma rede significante; menos ainda como apenas uma presença que ecoaria a dimensão fantasmática do enigma do desejo. Ainda que essas facetas sejam indissociáveis ao encontro analítico, a modalidade de presença que o *Nebenmensch* representa é a de um “amparo estrangeiro” àquele que se encontra nas bordas de um discurso social, fronteiras habitadas em momentos de maior instabilidade das redes que suportam as referências socio-simbólicas que delimitam as coordenadas da própria existência social.

Em outras palavras, a função do *Nebenmensch* se localizaria como a *presença não ausente* a partir da qual uma falta pode se articular. A remissão à categoria

de *das Ding* institui aí a dimensão de um impossível da linguagem em torno do qual uma rede simbólica pode se amparar. Que os efeitos desse limite para a redefinição das bases conceituais do objeto *a* — entre real imaginário e simbólico — partam desse momento da obra lacaniana é algo sensível para diferenciarmos a função *Nebenmensch* da posição de semblante de objeto *a*.

O discurso do analista coloca em causa a possibilidade de emergência, produção e mesmo criação de novos significantes a se inscreverem em dada cadeia significativa. Tal fato parte da operacionalização de uma forma de presença que reenvia ao sujeito falante seu enigma fundante (Lacan, 1970-1971/2011), tal qual sintetizada na posição de agência/semblante desse discurso. Todavia, se o objeto fantasmático aí em causa efetua uma síntese disjuntiva entre a causa do desejo e excessos inerentes à economia de gozo, propiciando uma presença inconstante, indeterminada, a dimensão do *Nebenmensch*, como bem redesignada pela apropriação lacaniana, faz da não ausência deste um *amparo ante o abismo*. É da estabilidade dessa presença que as demais dinâmicas podem se construir.

É nesse sentido que o corpo do analista viria como um reduto especial ao campo do *Nebenmensch*. Amparo convocado nas fronteiras do laço social, tais quais podemos vislumbrar em passagens de uma cura próprias à função transformativa dos rearranjos da rede simbólica, assim como em momentos de precariedade de recursos discursivos, com o iminente risco de ruptura desse próprio laço, como diante de experiências potencialmente traumáticas.

Um campo para a presença corporal na cena analítica

Quando falamos do desamparo, falamos dessa “dimensão trágica da existencial, ao vazio estrutural que habita ao sujeito, ao real de sua falta-a-ser e se evidencia quando são retiradas as coordenadas simbólicas que sustentam o sujeito” (Rosa, 2016, p. 47). Nesse sentido, pode-se dizer que há uma forma aproximativa da experiência de desamparo inerente ao processo analítico, no que este aponta à insuficiência estrutural da rede simbólica ao qual o sujeito ordena sua existência. Aproximar-se dessa borda ou antes dessa ribanceira implica uma desorientação, *desterritorialização*² homóloga aos rituais transformativos em diferentes culturas, tais como descritos pela antropologia social.

Desde Lévi-Strauss (1949/2009), encontra-se a análise dos ritos de passagem como ritos que dão condições sociopolíticas para que se reconfigure o estatuto simbólico da articulação entre determinado indivíduo e uma coletividade social. É diante do processo de ultrapassagem de limites que procedimentos rituais — em suas repetições e ações coordenadas — e seus oficiantes são convocados como formas de presença que faz um suporte aos estados de intenso desamparo vivido

2 Nos termos pelos quais Lacan propõe a tradução de *Entfremd* em seu *Seminário XIII*, derivado do estranhamento inerente a *Fremde*.

nessas travessias. É nas passagens próprias ao curso de uma cura que nos deparamos com uma cena dessa presença proveniente da clínica própria de Lacan.

Marie Christine Laznik³ relata que, por vezes, diante de momentos em que lhe faltavam palavras, momentos em que sobrevinha uma intensa angústia, fazendo com o que silêncio dominasse a sessão, Lacan aproximava sua cabeça do divã no qual estava deitada e então dava início a um peculiar ritual: começava a respirar próximo de sua cabeça, ainda que não à vista desta, em forte intensidade. Então, por último dava lugar a uma confluência de ritmos de respiração entre paciente e analista, na qual este ia decrescendo ao ponto de chegar a uma cadência relaxante a partir da qual a paciente retomava suas palavras. O silêncio, não raro à experiência analítica — e que sabemos reconhecer como momentos de impasse, nos quais a resistência ao tratamento se mistura à possibilidade de dar novos passos naquela mesma análise —, era contornado por Lacan, nessa e em outras análises, a partir de um modo peculiar de presentificação, que remetemos aqui à função do *Nebenmensch*.

A colocação em cena desse corpo do analista, em nossa leitura, vem ao resgate de uma situação de acentuada angústia. Portanto, uma categoria de ação da qual Lacan lançava mão para se fazer imediatamente presente nos momentos nos quais a ausência de sua imagem atual — extraída pelo dispositivo do divã — poderia fazer da falta desamparo. Indo além dessa situação própria ao tratamento analítico, podemos citar formas de luto nos quais essa função também se faz presente. Tomemos um extrato clínico.

S. procura análise por causa da morte de sua filha primogênita. Esta, falecida em um acidente trágico, coloca-a diante de um luto sem nome, um não lugar expresso pela falta de um termo para uma mãe que perde um filho. Pensamentos suicidas a acompanham; acredita, “pela ordem natural, [que] deveria ter morrido antes”. Além disso, foi afligida meses antes de chegar à análise por um medo fóbico de que seus demais filhos morressem repentinamente, assim como insônia crônica e dificuldades de estar distante destes, um quadro que se resumia a um sofrimento de viver quase insustentável.

Já tendo realizado uma análise anterior, estranhou que por meses, quase anos, seu analista persistiu no encontro face a face. Essa figura silenciosa, esse corpo diante dela, no período de elaboração desse duro luto, foi sendo transformada, assumindo diferentes aspectos nos modos como esta a indexava em sua rede simbólica — mas que permanecia lá, sustentando uma não ausência.

Pode-se dizer que a imagem deste analista — antes da passagem ao divã e, portanto, a uma presença de outra qualidade — tinha como função operar um suporte para que essa mesma imagem do *outro imediato* pudesse ser deslocada.

3 Comunicação pessoal.

O cuidado potencial em face do desamparo tal qual exercido pela figura do *Nebenmensch* pode ser aqui convocado como um dos índices pelos quais essa forma de presença corporal se configura como uma possibilidade de intervenção. A presença do corpo do analista teria sido fundamental para que essa paciente se reencontrasse com novas possibilidades de existir diante da trágica perda com a qual se deparou.

Nesse trabalho de luto, pode-se dizer que a presença do analista “se interpôs entre o eu e a sombra do objeto”. Como sustenta Allouch (2004), o luto teria em seu momento primeiro, até a elaboração da perda, um espaço transicional, no qual a própria consistência da realidade seria posta em jogo. Portanto, o luto viria ilustrar essas condições mais ou menos pontuais em termos temporais, nas quais os parâmetros que amparam o laço social se encontram profundamente abalados. Portanto, a presença corporal do analista, conjugada na chave da experiência do *Nebenmensch*, teria como função propiciar uma estabilidade da presença do Outro no vínculo transferencial.

A dimensão que aqui tratamos decerto passa ao largo das possibilidades de uma imaginação da categoria de falta-a-ser como condição técnica para que uma análise prospere. A radicalidade do pensamento lacaniano se institui justamente na possibilidade de se conceber uma clínica em constante tensão interna, avessa a convenções prescritivas acerca da positividade de sua experiência. A noção de falta-a-ser, alçada à *política* inerente à prática analítica, opõe-se frontalmente à ideia da centralidade do ser do analista na cura, da qual decorreria que a presença desse analista bastaria para produzir os efeitos esperados de uma análise. Se acompanharmos a crítica lacaniana, esta não nos leva necessariamente a deixar de questionar os modos como tal presença pode mobilizar e botar em marcha elementos significativos, a depender dos contextos nos quais um tratamento está inserido.

A dimensão do *Nebenmensch*, portanto, como um lugar de amparo diante dos limites do próprio laço social, responde a essa função da presentificação sensível incontornável a momentos de precariedade discursiva de uma análise, tão comuns ao longo de suas travessias e reconfigurações transformativas. Esse breve recorte, se não esgota o tema em questão, tem como aposta nos reenviar a um tópico de primeira ordem no dia a dia da experiência psicanalítica.

Referências bibliográficas

- Allouch, J. (2004). *A erótica do luto: no tempo da morte seca*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Cabrol, G. (2015). Le *Nebenmensch* et ses avatars. *Revue Française de Psychanalyse*, 79(2), 419-431.

- Chabert, C. (2013). Le corps de l'analyste. In J. André (Ed.), *Le corps de psyché* (pp. 97-108). Paris: Presses Universitaires de France.
- Coblence, F. (2013). Psyché et la différence des sexes. In J. André (Ed.), *Le corps de psyché* (pp. 21-36). Paris: Presses Universitaires de France.
- Danon-Boileau, H. (2013). Entretien du 16 octobre 2012 avec Régine Waintrauer. *Champ Psy*, 1(1), 9-17.
- Domiciano, J. F. G. M. S. (2021). Corpos que escutam: o psicanalista e o xamã revisitados. In A. Rudge & B. Fuks. *Psicanálise e antropologia: enfoques interdisciplinares*. Rio de Janeiro: UVA.
- Freud, S. (1989). Proyecto de psicología (J. L. Etcheverry, Trad.). In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 1, pp. 323-436). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Guyomard, P. (2011). *Lacan et le contre-transfert*. Paris: PUF.
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2006). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (2011). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1970-1971)
- Lemler, D. (2008). Le psychanalyste a-t-il un corps? *Le Coq-héron*, 1(192), 155-158.
- Lévi-Strauss, C. (2009). A eficácia simbólica. In C. Lévi-Strauss. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1949)
- Mijolla, A. (2002). Técnica avec adultes. In A. Mijolla. *Dictionnaire international de la psychanalyse*. Paris: Hachette.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta.
- Villa, F. (2013). La vie du psychanalyste est-elle infléchiée par le transfert? *Champ Psy: l'Ésprit du Temps*, 63, 41-49.

Recebido: 01/12/2021

Aprovado: 15/12/2021